



Ministério da Educação
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
Minas Gerais – Brasil
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas
Reg.: 120.2.095–2011 – UFVJM
ISSN: 2238-6424
Nº. 02 – Ano I – 10/2012
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

A neo-ontologia do pensamento do *ereignis* na apropriação da linguagem humanista em Martin Heidegger

Marcello Eloy Mendes Spinola
Universidade Federal do Espírito Santo - UFES
E-mail: marcellospinola@hotmail.com

Resumo: A compreensão entre expressão humanista e dimensão do Ser no caminho orientado ao *Ereignis* pensado por Heidegger a partir de um vínculo epistemológico sob uma nova ontologia, remete Ser e homem a uma referência recíproca na realização de suas essências. A concepção humanista sistematizada a partir do pensamento heideggeriano esvaziado de apropriação ética contempla a verdade essencial do homem preservada pela “cura” (*Sorge*), apropriando essa essência, enquanto humanista, na relação com a “neo-ontologia” do pensamento do *Ereignis* aprofundado em sua dupla perspectiva (Ser e Tempo, Homem e Ser) e nas suas relações de presença e abandono. Tais premissas conjugadas à dimensão humanista orientada pelo sentimento de estar-no-mundo remetem o homem à sua origem liberta de uma conduta ética e o guia a outro humanismo pensado por meio do *Ereignis* em direção a uma terceira margem do pensamento humano.

Palavras-chave: Humanismo. Heidegger. *Ereignis*. Neo-ontologia.

Introdução

No limiar da pós-modernidade (pós-metafísica) associada ao desencantamento do mundo e do homem, surge a possibilidade de um pensamento tendente a desenvolver no contexto metafísico a análise da relação “homem e Ser” baseada no caminho pensado por Heidegger no *Ereignis*, conectado à concepção de presença e abandono trabalhada por uma nova ontologia, como forma de remeter a inferência dessa análise ao pensamento heideggeriano enquanto existência humana autêntica e essencial.

Para o desenvolvimento do tema, desloca-se a dimensão ética para fora do contexto humanístico, esvaziando o humanismo essencial de qualquer prescrição normativa e estabelecendo-o no fértil terreno da singularidade essencial do homem: a verdade do Ser. Esta verdade, no projeto heideggeriano da ontologia fundamental, depurada dos modais da metafísica tradicional, assume um espaço preponderante no caminho a ser trilhado para o humanismo originário que, a partir da apropriação da dimensão do *ereignis*, termo alemão que em Heidegger traz uma dupla concepção (**acontecimento** – situação e tempo – e **apropriação** pelo homem), a fim de apropriar o pensamento enquanto resultado do Ser e possibilitar a consumação da essência originária do homem.

Conduzido pela noção do *Ereignis*, o estudo denota um neologismo capaz de completar a ideia heideggeriana de humanismo a partir da superação da ontologia tradicional, estabelecendo no termo “neo-ontologia” a noção de uma apropriação essencial do homem orientado à busca da verdade do Ser, consolidando a permanência desse pensamento orientado a uma “terceira margem” do humanismo, vertido por uma nova concepção metafísica capaz de orientar o homem aos mistérios da verdade do Ser e na dimensão de sua finitude.

Ainda no âmbito da pós-metafísica, o homem vigilante e cauteloso deve, por meio do amplo entendimento do movimento pós-humanista gerado pela sociedade moderna, preservar ainda mais a noção de humanismo essencial, a fim de demonstrar a sua virtude, o seu vigor, a sua essência que o faz humano e o denota como o único ente capaz de “*ex-sistir*”.

1. A importância da linguagem enquanto elemento mais característico da essência humana

A partir dos pré-socráticos, muitos pensadores gregos equipararam de algum modo “linguagem” e “razão”. Tanto Heráclito quanto Parmênides, apesar das diferenças entre eles, consideravam a linguagem como um aspecto da realidade falante, o que redundava na afirmação de que a linguagem, para muitos pré-socráticos, representava a linguagem do Ser (INWOOD, 2002).

Junto aos ensinamentos contemporâneos sobre a linguagem, os aspectos decorrentes da doutrina existencial da comunicação apontam a linguagem como “linguagem humana” e como “manifestação da pessoa”, cuja importância alcançou em Heidegger uma especial dimensão, indigitando-a como “morada do Ser” sobre o contexto “Ser e linguagem”.

Segundo a concepção ontológica da linguagem, não é a linguagem que pertence ao homem, mas, antes, é o próprio homem, concebido ontologicamente como o Ser-para-a-morte resoluto (primeiro Heidegger) ou como o mortal que corresponde à solicitação silenciosa do Ser (Heidegger tardio), que pertence à linguagem (DUARTE, 2005). Heidegger ao pensar a essência da linguagem, afirma ser a linguagem a casa do Ser, edificada e disposta a partir do Ser tal como morada da essência do homem:

O homem não é apenas um ser vivo que, entre outras faculdades, possui também a linguagem. Muito mais do que isso. A linguagem é a casa do Ser. Nela morando, o homem ec-siste na medida em que pertence à Verdade do Ser, protegendo-a e guardando-a (HEIDEGGER, 2009b, p. 55).

Adaptando o pensamento do talentoso pintor Paul Klee por meio de paráfrase moldada ao sentido do tema proposto, seria dito: *“a linguagem me tem, não preciso mais correr pressuroso atrás dela, pois ela me tem para sempre, eis o sentido da hora feliz: eu e a linguagem somos um. Sou pensador!”*

2. A superação da linguagem ética como possibilidade para formação da autêntica expressão humanista

Em seus “caminhos” (*wege*), Heidegger não se dedicou essencialmente ao estudo da ética, e seus discursos não se dirigiram ao propósito de remeter aos fundamentos ontológicos da ética, nem tampouco traçaram qualquer vínculo moral à sua filosofia. O fato é que o pensamento de Heidegger se volta tanto para uma realização autêntica do homem, que muitos se arvoram equivocadamente na ideia de delimitar uma ética em sua filosofia, visando sistematizar seu pensamento como uma grade de condutas racionais sujeita à apropriação; outros chegam a criticá-lo por nunca ter proposto uma ética.

Decerto que a carta sobre o humanismo dirigida à Jean Beaufret no ano de 1945 (HEIDEGGER, 2009b), jamais teve o condão de formulação ética, derivando apenas da análise ontológica da existência humana, dentro da esfera de realização ontológico-existencial do Ser-aí. Isso porque, na determinação das relações entre ontologia e ética, Heidegger entende necessário pensar, antes de tudo, a Verdade do Ser. A verdade é o “velamento iluminador do Ser enquanto tal”, se revelando como questão acerca do “Ser da verdade” (INWOOD, 2002, p. 39). O pensamento ao pensar a Verdade do Ser determina a essência da *humanitas* como “*ex-sistência*” a partir da dependência desta para com o Ser, na lição de Heidegger:

Antes de se tentar determinar, com maior exatidão, as relações entre ‘a ontologia’ e ‘a ética’, faz-se necessário pensar, se o que ambos os títulos evocam, ainda permanece na medida e na proximidade do que se impôs ao pensamento, que, como pensamento, tem de pensar, antes de tudo, a Verdade do Ser! (HEIDEGGER, 2009b, p. 84).

A proposta, portanto, é pensar um humanismo a partir da proximidade do Ser, não focando o homem, mas sua história e origem, a verdade do Ser. Esse humanismo transpõe o ente humano e se determina pela existência autêntica enquanto Ser-no-mundo. Nessa dimensão, pensar uma ética como fomento de condutas dirigidas a uma orientação racional do homem seria aceitar o disparate esvanecido pelo próprio Heidegger na crítica do homem subjugado à sua

impropriedade (inautenticidade), uma vez que a sujeição ao possível normativo é a contramão da própria existência e traduziria o encobrimento do Ser.

O aparecimento contínuo e freqüente de estudos invocando o termo “ética” como decurso do pensamento de Heidegger sob a acepção de conduta, ainda que à sombra da inocente rejeição de apropriação do vínculo normativo e moral, estão entregues, impotentemente, à universal normatividade e moralidade que o termo “ética” aduz. Essa é a interpretação que o próprio Heidegger apresenta literalmente no percurso de seu “*wege*”, desconstruindo o pensamento tradicional de ética e ontologia:

Se, pois, de acordo com o sentido fundamental da palavra, éthos, o nome, ética, quiser exprimir que a ética pensa a morada do homem, então o pensamento que pensa a Verdade do Ser, como o elemento fundamental, onde o homem ec-siste, já é a ética originária. Mas então, tal pensamento não é apenas ética por ser ontologia, de vez que a ontologia só pensa o ente (*on*) em seu ser. Ora, enquanto não for pensada a Verdade do Ser, toda ontologia fica sem fundamento. [...] O pensamento, que questiona a Verdade do Ser e com isso determina a morada da Essência do homem a partir e na direção do Ser, não é nem ética nem ontologia (HEIDEGGER, 2009b, p. 88-89).

Assevera ainda Heidegger, ao narrar a indagação de um amigo acerca da elaboração de um estudo sobre ética (2009b, p. 83), que a exigência de uma ética cresce à desmedida de uma desorientação do homem que tanto a oculta como a manifesta. Não há outro pensamento senão de se esquivar de uma ética quando o que se persegue é um retorno à Verdade do Ser, à sua existência autêntica e livre de prescrições especulativas, sobretudo em um momento em que a disciplina “Ética” encontra-se maculada pela metafísica ocidental desde Aristóteles.

Heidegger questiona a ética na mesma dimensão em que questiona a metafísica, pois tais pensamentos imolam o ser na supremacia do ente e esvaziam a motivação originária de seus fundamentos, assim como ocorre com o cristianismo, com o marxismo, o existencialismo, e todas as acepções sufixadas pelos “ismos”, espaços utilizadores de rótulos como instrumentos organizadores de suas respectivas ocultações, tal como ocorre em arquivos mortos.

Obviamente, tais argumentos não se prestam a anular a necessidade de, socialmente, o homem se subsumir aos preceitos normativos, nem a fomentar um

niilismo esvaziador de dimensões éticas e morais, mas visa demonstrar a desvinculação de tais preceitos na elucidação de um humanismo autêntico e essencial. Mais que isso. Enquanto houver uma busca de elementos universais alheios a Verdade do Ser para delimitar o *humanitas* do homem, em vão trabalhará o pensamento essencial, e o homem continuará sufocado pelas mazelas do mundo pós-metafísico.

O autêntico humanismo não se presta a tornar-se refém da atividade legiferante de uma gama de conteúdos morais articulados por uma ética mediadora de tensões. Para Heidegger, tanto a ética, como a metafísica, a lógica, a estética estão subsumidas a uma “entificação” histórica no contexto filosófico. O esforço, portanto, é demonstrar a essência do homem, a Verdade do Ser, incólume do pensamento filosófico ocidental, apropriando-se de uma nova ontologia capaz de dimensionar o Ser a partir da sua morada originária.

O humanismo essencial surge como a busca da expressão do Ser em suas múltiplas dimensões, preservando o homem em sua humanidade, em sua essência, como meio de refletir sua dignidade a partir do pensamento de Heidegger: “*as determinações humanistas da Essência do homem, ainda mesmo as mais elevadas, não chegam a fazer a experiência do que é propriamente a dignidade do homem*” (2009b, p. 50).

A percepção da expressão humanista de Heidegger possibilita o afastamento da dimensão ética pensada originariamente, expressão esta depurada dos deveres estruturais da sociedade e afastada do *dever-ser* normativo. Nessa concepção, Heidegger inverte a idéia Aristotélica e aproxima o homem de sua humanidade vinculada ao tempo dos acontecimentos de suas relações, sendo o Ser-aí o instrumento de transformação do Ser em sua relação com a experiência concreta, esvanecendo a conduta prescritiva em consequência da apropriação do autêntico *Ser-aí* descritivo, ou seja, **suprime** o *dever-ser* imperativo, **suprindo** o *poder-ser* concessível.

Pensar uma ética em Heidegger precisaria ser transformada pela atitude de pensar o homem em sua humanidade. A *humanitas* de Heidegger é mais do que uma carta sobre o humanismo, mais do que o pensamento de Heráclito, mais do que morada e habitação: é humana, essencialmente humana, e transpõe os limites dos

dogmas morais em proveito da substância, da existência autêntica do homem. A universalidade de uma ética transpõe a singularidade da linguagem autêntica do ser humano fazendo-o afogar na superfície da estrutura viciosa das relações sociais massificadas.

3. O estabelecimento do conceito de “cura” (sorge) na essencialidade do homem

A compreensão da “cura”, do “cuidado” (*Sorge*) como Ser do *Dasein* é feita a partir da consideração da responsabilidade ontológica intrínseca aos humanos, não apenas para consigo mesmos (individual ou coletivamente), mas para com o Ser de tudo quanto há. Não obstante a origem da terminologia “cura”, “cuidado” no âmbito da hermenêutica possuir uma acepção própria, o sentido da expressão em Heidegger manifesta uma sensibilidade ou afetividade, um estar propensamente em comunicação com o que se dá no mundo.

No alemão, o termo *Sorge* ou *Sorgen* engloba os dois sentidos fundamentais do cuidado: a “inquietação ou angústia” por um lado, e o “esforço ou empenho” por outro, cominando por estabelecer uma concepção estruturada amíúde e habitual. Porém, quando se utiliza a concepção de “cura”, pretende-se remeter ao nível de presença de indicação ontológica; já quando se quer acentuar as realizações concretas do exercício da presença como indicativo ôntico utiliza-se a acepção “cuidado”. Daí a escolha no presente trabalho do termo “cura” para designação de *sorge* (HEIDEGGER, 2009).

O caminho lingüístico que percorre as etimologias da expressão remete-nos à hipótese de que a compreensão da realidade humana, enquanto cuidado, propõe não a distinção de alma e corpo e a sua união constitutiva como característica ontológica do humano, mas o levar o Ser no seu ser, ocupando-se dele e de si, cuidando e tendo cuidado, desvelando-se por e no viver. Essa dimensão eminentemente temporal define formalmente o *Dasein* como “Ser-aí”, designação heideggeriana do humano na sua suprema dignidade.

A acepção do termo *Sorge* induz também escuta do íntimo apelo da consciência e aceitação de si mesmo na decisão de autenticidade, sendo o próprio dar-se do Ser no seu (ao seu) “aí”, surgindo na compreensão afetiva do *Dasein* e articulada em um comportamento que se expressa e se pratica (verbalizando e agindo).

Em Heidegger, a escolha do termo *Sorge* (cura, cuidado) para exprimir o Ser à maneira humana aparece ainda antes da escolha do termo *Dasein*. Compreender o Ser, em todas as suas manifestações, significa ser livre, deixando que o Ser se mostre livremente e que os outros humanos o sejam também. Não induz compulsividade, antes, mostra a possibilidade de ser propriamente o aí-do-Ser, permitindo ao homem mostrar-se como aquilo que Heidegger denomina *Ereignis*: o acontecimento de apropriação recíproca entre o Ser e o seu aí, propiciando a libertação da relação entre o Ser do que se dá e o recebê-lo no mundo que consiste o seu “aí”. Essa é a inclinação da ontologia heideggeriana da cura.

4. O pensamento heideggeriano do *ereignis* e sua relação humanística

Inicialmente cumpre evidenciar o caminho percorrido pelo pensamento de Heidegger tendente a formação da acepção de *Ereignis*¹, no âmbito da relação do homem e Ser: a determinação do homem a partir do Ser provoca a determinação do Ser a partir do *Ereignis*. A essência e a modalidade do Ser-homem não podem, no entanto, determinar-se senão a partir da essência do Ser. Somente a partir do pensamento enquanto resultado do Ser que é possível definir a essência do homem (HEIDEGGER, 1997, p. 110).

Por outro lado, o pensamento pertence ao Ser e possibilita o conhecimento do próprio Ser. O plano de construção humanista induz a essencialização do pensamento e possibilita trazer o Ser à fala, levando-o a consumir aquilo que é. O único elemento onde o pensamento pode ser essencial é no Ser. Não é quando pensa o Ser que o pensamento é essencial; antes, quando essencial, em

¹ Para Martin Heidegger, a acepção alemã *Ereignis* designa a noção de “acontecimento-apropriação” ou “acontecimento apropriador” (1983, p. 267-271; 2003, p. 224), já que remete o termo à sua dupla característica: situacional-temporal (**acontecimento**) e a de **apropriação** pelo homem.

conformidade com sua essência, que o pensamento pensa unicamente o Ser (ZARANDER, 1990, p. 152-154).

Embora o conceito do *Ereignis* não se reduz a uma expressão ou partícula, em Heidegger ele apresenta uma definição a partir da ideia em que “é o âmbito dinâmico em que homem e Ser atingem unidos sua essência, conquistam seu caráter historial, enquanto perdem aquelas determinações que lhes emprestou a metafísica” (HEIDEGGER, 2006b, p. 49). Nesse aspecto, mais que reconhecer a proeminência ôntica na ordem dos seres, o homem dispõe, antes e prioritariamente, de uma proeminência ontológica, cuja relação entre o homem com o Ser é duplamente constitutiva: é ela que constitui o Ser do homem, fazendo este pensar como ser humano, não como ser vivo, sendo ainda ela que concede ao próprio ser o espaço de revelação – o Ser-aí –, o seu lugar, seu terreno.

Heidegger ensina que a noção do *Ereignis* reporta um conceito mais fundamental, afirmando que o termo não pode ser guiado pela semântica ordinária, mas pensado a partir de um “apropriar” entendido como “alcançar e destinar iluminador e protetor”, concluindo: “que resta dizer? Apenas isto: O *Ereignis* acontece-apropria. Com isto dizemos, a partir do mesmo, para o mesmo, o mesmo” (1983, p. 270).

O caminho referenciado e indigitado por Heidegger na carta sobre o humanismo se desdobra em dois trevos continuados: o primeiro de remeter o homem ao Ser, e o segundo em desvendar a proveniência desse Ser, remetendo ambos ao patamar de abdicação enquanto homem “e” Ser, permanecendo o “e” conjuntivo aditivo primordialmente apropriado e continuamente trabalhado pela palavra *Ereignis*. A partir dessa acepção que o Ser se apropria do homem e o torna *Dasein*, o local da revelação do Ser. Essa concepção humanista, segundo a maestria da lição de Marlène Zarander, ganha a magnífica representação:

O homem é esse ser que é reclamado ou reivindicado para que as coisas sejam, para que haja um mundo e talvez deuses, para que o sagrado encontre um espaço e a existência um sentido. [...] Essa lição não é resposta nem doutrina, mas a indicação de um possível caminho (ZARANDER, 1990, p. 168).

Ao abordar a relação Tempo e Ser, Heidegger induz a compreensão de que o Ser só é possível pelo tempo, enquanto que o homem só é possível pelo Ser, e, no entanto, há retomada destas diferenças no intuito de única doação, que é o *Ereignis*. Quando o homem se esforça para tornar-se livre para a sua humanidade, descobrindo sua dignidade, encontra-se nos braços do humanismo (HEIDEGGER, 2009). O *Ereignis* não se limita a realizar uma ultrapassagem da presença, logo realiza a conjunção de presença e do seu outro (da história do Ser e do seu abandono), o que redundaria concluir que o Ser atinge a presença em sua essência e, porque a atinge, pode abandoná-la, funcionando como apropriação (para dentro) e como superação (para fora); por nos remeter à nossa história que o *Ereignis* nos liberta dela (ZARANDER, 1990, p 366).

5. A neo-ontologia a partir do *ereignis* e a concepção da terceira margem do humanismo

A junção de pensamentos, a etapa de repensar conjuntamente o homem e o Ser, se aprimora na separação do “co-pertencer”, extraindo o “pertencer” como elemento original e comum, remetendo-os à essência recíproca (HEIDEGGER, 2006b, p. 42-52), que inicia o que ousadamente poderia ser denominado de “neo-ontologia”. A prefixação do termo “neo” na acepção ontológica provoca o caminho de desconstrução da ontologia tradicional pensada pela metafísica ocidental, objeto da crítica heideggeriana.

Neo-ontologia exprime a abertura ontológica em que o Ser se mostra a partir de sua essência. Assim, quando Heidegger afirma que a essência do homem está na existência (2009b, p. 72) é preciso entender que nem essência nem existência estão determinadas, mas fazem parte de uma unidade em movimento que constitui a “*existencia*”. Com base nisso é que a acepção neo-ontológica exprime o pensamento conduzido em Ser e Tempo por ontologia fundamental (HEIDEGGER, 2009a, p. 283), ou seja, o regresso ao fundamento essencial onde provém a Verdade do Ser.

Partindo do entendimento humanista, a acepção neo-ontológica alcança sua propriedade e permite adequar o pensamento do *Ereignis* a uma dupla instância,

seja a partir da aproximação de Homem e Ser, bem como de Tempo e Ser, realocando o humanismo pensado por Heidegger em uma nova dimensão segundo o desdobramento do seu pensamento no *Ereignis*, projetando uma nova origem ainda pouco explorada e revelando um fértil, amplo e relevante campo do saber, uma “terceira margem”² do humanismo.

Um novo destino rumo à terceira margem inspirada no pensamento de Heidegger, um caminho de possibilidades, longe de ser uma fuga ou um mundo paralelo, traduz uma via de acesso ao Ser apropriado em sua essência, na verdade originária ladeada pelo *Dasein*, onde a existência se consolida a partir da essência, e esta norteia a existência original em movimento circular, onde no termo se vislumbra o início e no limiar se aprofunda a finitude humana, o ser-aí remetido à sua propriedade, livre de condutas prescritivas, mas apropriado da verdade essencial.

Como no rio de Heráclito, o vigor do movimento e da volubilidade efêmera das águas e mutação das margens, também induz o alúvio que edifica a terceira margem e desvela o Ser à sua possibilidade, à abertura e transformação. Percutando o caminho dessa margem, o homem anseia o entendimento dos mistérios da existência, da inefabilidade da verdade essencial e a dimensão de sua finitude.

A experiência insólita em busca da terceira margem do pensamento revela a natureza existencial que só o homem pode realizar. Somente pela via da transposição e abandono das duas margens naturais da travessia o homem consegue se deparar com suas essências históricas, estabelecendo o sentido originário do seu Ser histórico pelo desencobrimento da terceira margem velada, se libertando do valor “entificado” das demais margens do seu caminho.

Por margem entende-se fronteira, faixa limítrofe, parâmetro, mas também pode significar ocasião, oportunidade. Na travessia, não importa apenas o margeamento entre a vida e a morte, mas ainda o entendimento experienciado de que a terceira margem invisível é o silêncio inaudito do ser, onde vigora a essência da linguagem

² Assim como em João Guimarães Rosa, no conto “A terceira margem do rio”. In: _____. **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 32-37. A busca por uma terceira margem tem um significado metafísico, uma travessia, um paradoxo, imprimindo um sentido além do “navegável”.

pensada que traz o ser à fala, sendo a fluidez das águas o salto do homem à Verdade do Ser. A terceira margem não está dada, mas indeterminada, aguardando ser edificada no ritmo flutuante ininterrupto do pensamento.

Esse movimento, atemporal, mas amiúde, que conduz o homem à sua humanidade, ao lugar de escuta do Ser histórico, engrenado pelo *Ereignis*, forma uma nova base de possibilidades capaz de nortear cada um na apropriação de sua essência, na verdade do Ser, no humanismo autêntico, dado ao que somos, para que somos e como somos, segundo a proximidade da terceira margem, da apropriação do autêntico *humanitas*.

6. A relação do pós-humanismo com a conservação da virtude do homem

A crise do humanismo associada ao apontado *débâcle* da metafísica levou o surgimento de doutrinas ligadas a um pós-humanismo reunidas pelo viés de uma superação do homem no aspecto biotécnico. O lançamento dessa temática não tem o condão de estabelecer um debate, nem acirrar os ânimos ao redor do assunto que, antes de ser polêmico, formam opiniões de vários segmentos científicos. O intuito é parametrizar os efeitos do pós-humanismo frente à assertiva da ontologia fundamental de Heidegger.

A forma de encarar os efeitos cibernéticos e a eugenia decorrentes do pós-humanismo traz em Heidegger um espaço de pensamento elaborado desde os anos 1940 acerca da técnica:

Permanece, portanto, correto: também a técnica moderna é meio para um fim. É por isso que a concepção instrumental da técnica guia todo o esforço para colocar o homem num relacionamento direito com a técnica. Tudo depende de se manipular a técnica, enquanto meio e instrumento, da maneira devida. Pretende-se, como se costuma dizer, “manusear com espírito a técnica”. Pretende-se dominar a técnica. Este querer dominar torna-se tanto mais urgente quanto mais a técnica ameaça escapar ao controle do homem (HEIDEGGER, 2006a, p. 12).

Constrangimento para uns, inquietações para outros, o fato é que o pós-humanismo já capitaneia os debates nas esferas sociais em penetração mais

extensa do que no circuito acadêmico. A proposta do presente estudo é demonstrar que a neo-ontologia abordada não está ameaçada, nem tampouco corre qualquer risco de ser abolida, mas é preciso ser pensada enquanto proposta para esta existência, não como ideal para gerações futuras.

Nessa linha de sobrepujança dos limites humanos, há uma história que já se estrutura até mesmo por uma cronologia que vai desde eugenistas à criogenistas, dos trans-humanistas aos extropistas, passando pelos pós-humanistas. Em tais movimentos doutrinários, o otimismo comum repousa na busca da inversão na dimensão da finitude humana visando a criação de um super-humano no sentido biológico.

Tais pensamentos emergentes poderiam até comprometer a estabilidade da ética, da moral, da estética, e de tantas disciplinas rotuladas, ocultadas e “entificadas”, mas não macula a ontologia fundamental e nem a essencialidade do humano no seu eixo autêntico. Não causa espanto o desenvolvimento e expansão de doutrinas trans-humanas, até impulsionada pelo fértil espaço acadêmico aberto a pesquisas. No entanto, teorias ascendem, conhecimentos se superam, ideias mudam e até os ideais se desnaturam. Esse é o movimento criativo, fecundo e aberto da humanidade. Mas o humano é muito mais dependente do pensamento do que este dependente daquele. O homem pertence à linguagem!

O cerne da questão está no entendimento de que o argumento não repousa no homem, mas na existência. Esta concentra os esforços sustentados pela ontologia fundamental, onde o vigor do homem enquanto essência original dirige o estabelecimento da sua estância autêntica, sua existência.

Ora, perante a morte o homem constantemente está numa aporia sem saída (HEIDEGGER, 1997, p. 175). Mas é nessa aporia que o homem, voltado à sua essência, acha seu projeto de vida, sendo o único capaz de existir. Nessa linha assevera Heidegger: “o homem é a estância (sistência) em si mesma aberta (ex). Nela o ente in-siste e se põe em obra. [...] o ser do homem é, no sentido rigoroso da palavra, a ‘ex-sistência’ (*Dasein*) (PESSOA, apud Heidegger, 2003, p. 14).

O-ser-para-a-morte é o sentido essencial da existência, pois remete o homem para além da simples absorção da circunstancialidade onde, por intermédio da

experimentação, lhe permite a apropriação do sentido do ser com a dimensão de sua finitude, consolidando-o como *Dasein* na abertura do Ser. A interpretação do “fim” (morte) deve estar implicada, antes, na consolidação da presença (*Dasein*), onde, na lição de Heidegger, assume as seguintes dimensões:

Da mesma forma que a presença, enquanto é, constantemente já é o seu ainda-não, ela também já é sempre o seu fim. O findar implicado na morte não significa o ser e estar-no-fim da presença, mas o seu *ser-para-o-fim*. A morte é um modo de ser que a presença assume em que é. “Para morrer basta estar vivo” (HEIDEGGER, 2009, p. 320).

A morte é um componente inevitável da temporalidade, ao qual não é dado ao homem evitar enquanto possibilidade. O fim é parte integrante e inevitável do ciclo existencial do *Dasein*, ocupando a morte seu papel de finitude na completude do Ser.

A absorção do sentido da morte é essencial à experiência de apropriação do projeto de vida. Não há como essencializar o homem na verdade do Ser alheio à sua finitude. A morte compõe a outra face da mesma moeda em que a vida ocupa o seu anverso (presença). Sem qualquer das suas faces, não há valor existencial para a moeda. Na lição de Guimarães Rosa, no discurso de posse da Academia Brasileira de Letras – ABL foi ele peremptório: **“a gente morre para provar que viveu”**³.

Considerações Finais

Por fim, a abordagem encontra a dedução dirigida pelos pensamentos até então compreendidos, conduzindo o homem a uma nova origem a partir do conceito de *Ereignis*, investigando o homem em sua essência original em direção ao Ser, mais propriamente um retorno abissal até a região de origem onde procede, ao mesmo tempo que o homem, o próprio Ser e seu processo através de sua história.

³ ROSA, J.Guimarães. **Discurso de Posse**. Academia Brasileira de Letras. Disponível em <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=685&sid=96>>. Acesso em: 10 de setembro de 2012 (grifo do autor).

Tal processo nos capacita a tornar-nos no que somos, não somente como descendência dos gregos, mas na própria herança humanista como gesto de superação, permitindo-nos, propriamente, legar a ascendência de uma outra humanidade (ZARANDER, 1990, p 366).

A proposta de apresentação da dimensão humanista orientada pelo sentimento de estar-no-mundo remete o homem à sua origem isenta de dogmas e condutas éticas e morais, possibilitando-o a experimentar um outro humanismo pensado por meio do *Ereignis* orientado à terceira margem do pensamento humano como fruto de uma neo-ontologia.

A partir da consciência de que o homem é o Ser-para-a-morte, dimensionado na sua finitude, que ele pode voltar-se para a verdade do Ser e vigorar enquanto existência autêntica, preservando, outrora, a noção de humanismo essencial por meio da potência de sua virtude, do vigor da *humanitas*, capacitando-o como único ente que realiza a *ex-sistencia*.

Nada melhor do que as palavras de Heidegger para o desfecho do estudo, na mesma maneira em que finalizou a epístola dirigida à Beaufret: “na atual indigência do mundo o que se faz necessário é menos filosofia e mais cuidado em pensar; menos literatura e mais cultivo das letras” (2009b, p. 99).

Abstract: The comprehension between humanistic expression and dimension of Being on the way oriented to Ereignis thought by Heidegger from a new ontology and an epistemological link refers to a being and human a mutual reference in performing their essences. The systematic humanist conception thought from Heidegger emptied of ethics appropriation, includes the essential truth of human preserved by the “care” (Sorge), appropriating this essence, while humanist, in relation to the "neo-ontology" of Ereignis thought depth in its dual perspective (Being and Time, Human and Being) and their relations of presence and abandonment. These assumptions combined the humanistic dimension oriented by the feeling of being-in-world, refers the human to its origin liberated of a ethic conduct and guide its to an another humanism thought through Ereignis toward to a third bank of thought.

Key-words: Humanism. Heidegger. Ereignis. Neo-ontology.

Referências

CABRAL, Alexandre Marques. **Heidegger e a destruição da ética**. Rio de Janeiro: Mauad, 2009.

DUARTE, André. **Heidegger e a linguagem: do acolhimento do ser ao acolhimento do outro**. *Natureza Humana*, São Paulo, v. 07, n. 1, p. 70-100, 2005.

DUBOIS, Christian. **Heidegger: introdução a uma leitura**; tradução Bernardo B. C.Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem**; tradução de Márcia S. C. Schuback. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

_____. **Conferencias e escritos filosóficos**; tradução de Ernildo Stein. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

_____. **Ensaio e conferencias**. 7. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2006a.

_____. **Introdução à metafísica**; tradução de Mário Matos e Bernhard Sylla. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

_____. **Que é isto? – A filosofia: identidade e diferença**; tradução de Ernildo Stein. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006b.

_____. **Ser e tempo**; tradução de Márcia S. C. Schuback. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009a.

_____. **Sobre o humanismo**; tradução de Emmanuel Carneiro Leão. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2009b.

INWOOD, Michel. **Dicionário Heidegger**; tradução Luzia Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

LOPARIC, Zeljko. **Ética e finitude**. 2. ed., rev. e ampl São Paulo: Escuta, 2004.

PESSOA, Fernando Mendes. **O assunto e o caminho do pensamento de Heidegger**. Vitória: EDUFES, 2003.

ZARANDER, Marlène. **Heidegger e as palavras da origem**; tradução de João Duarte. 2. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.